

DINÂMICAS DE CRESCIMENTO ECONÔMICO E EMPREGO FORMAL NAS MESORREGIÕES CEARENSES: UMA ABORDAGEM BASEADA NO MODELO MRP

RESUMO

Este tem como objetivo estudar as dinâmicas de crescimento econômico e emprego formal nas mesorregiões cearenses, com uma abordagem a partir do modelo MRP, para o período 2002 a 2021. Os dados foram obtidos junto a Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) do Ministério do Trabalho (MTE). Os resultados revelam uma dinâmica heterogênea do emprego formal nas mesorregiões cearenses entre 2002 e 2021. Os setores de Construção Civil e Indústria emergiram como motores de crescimento em nível estadual, enquanto o Comércio e a Agropecuária enfrentaram desafios significativos, com a agropecuária registrando retração geral. Em escala mesorregional, observou-se disparidades acentuadas, com algumas regiões exibindo forte dinamismo em setores específicos (e.g., Comércio em Jaguaribe e Noroeste Cearense; Indústria nos Sertões Cearenses) e outras sofrendo retração considerável (e.g., Comércio na RM de Fortaleza; Agropecuária no Centro-Sul). A análise enfatiza o papel das políticas públicas e investimentos em infraestrutura, educação e diversificação econômica para mitigar as disparidades regionais. Conclui-se que estratégias integradas e direcionadas às especificidades regionais são essenciais para promover um desenvolvimento econômico sustentável e equilibrado no estado do Ceará.

Palavras-chave: Crescimento Regional; Emprego Formal; Análise Shift-Share.

1. INTRODUÇÃO

A geração de emprego formal é um indicador central do desenvolvimento econômico regional. A sua expansão está diretamente vinculada ao desempenho econômico setorial (serviços, comércio, agropecuária, indústria e construção civil). Com isso, em regiões menos desenvolvidas, o emprego formal pode ser limitado pela predominância de empreendimentos informais e pela insuficiência de políticas de incentivo à formalização. Assim, a análise dessa variável para os setores econômicos ajudam a entender as dinâmicas que moldam o desenvolvimento regional.

Nesse sentido, a literatura aponta uma associação positiva entre crescimento econômico e geração de postos de trabalho formais. Costanzi (2004), por exemplo, identificou em seu estudo que a evolução do emprego formal no Brasil apresenta forte correlação com o crescimento do PIB real. Entre 1985 e 2002, essa relação foi estimada em 0,87, o que significa que um aumento de 1% no PIB resultou, em média, em um crescimento de 0,87% no emprego formal. Esse dado evidencia que a formalização do mercado de trabalho acompanha, em grande medida, o dinamismo econômico de uma dada região.

No contexto cearense, a temática de desenvolvimento regional é relevante para o estudo das desigualdades socioeconômicas, visto que o estado é caracterizado por dinâmicas heterogêneas entre suas mesorregiões, influenciadas por fatores estruturais, conjunturais e climáticos (IPECE, 2023). Em períodos de crise, a volatilidade das atividades econômicas é evidenciada por retrações em algumas mesorregiões, enquanto outras registraram desempenhos positivos graças a investimentos e políticas públicas direcionadas e conseguem manter as suas trajetórias de crescimentos (IPECE, 2025).

Portanto, a relação entre PIB e emprego formal é um indicador crucial para medir a integração de localidades à economia moderna. A literatura também evidencia que o maior número de emprego formal se correlaciona com um melhor Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), reforçando a importância desse tipo de emprego para o desenvolvimento social,

conforme explica Reiff, Santos e Rocha (2007). Assim, o emprego formal, nesse contexto, assume papel estratégico ao contribuir para a estabilidade econômica e a redução das desigualdades regionais.

O presente trabalho tem como objetivo estudar as dinâmicas de crescimento econômico e emprego formal nas mesorregiões cearenses, a partir de uma abordagem baseada no modelo MRP. Foram utilizados dados de emprego formal oriundos da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) do Ministério do Trabalho (MTE), para os anos de 2002 e 2021. O estudo concentra-se nas mesorregiões que compõem o Ceará, abrangendo o Noroeste Cearense, Norte Cearense, Região Metropolitana de Fortaleza (RMF), Sertões Cearenses, Jaguaribe, Centro-Sul Cearense e Sul Cearense, e os grandes setores do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

O estudo oferece uma visão multifacetada das dinâmicas do emprego formal nas mesorregiões cearenses. mostrou que setores como serviços e construção civil apresentaram maior potencial de crescimento, enquanto a agropecuária enfrenta obstáculos estruturais e conjunturais. Além disso, as mesorregiões mais urbanizadas, como a Região Metropolitana de Fortaleza, mostraram desempenhos mais consistentes, enquanto áreas rurais apresentam retrações que reforçam a necessidade de investimentos direcionados, de fatores que moldam o mercado de trabalho regional e as implicações para o desenvolvimento socioeconômico (Amorim & Corseuil, 2016; Piacenti, Alves & Lima, 2008).

2. METODOLOGIA

Este estudo adota uma abordagem quantitativa e descritiva, focada na análise das dinâmicas de crescimento do emprego formal, por meio da Taxa de Crescimento da Razão de Participação Relativa (RPR) e da Taxa de Crescimento da Razão de Participação Setorial (RPS) nas mesorregiões cearenses: Noroeste Cearense, Norte Cearense, Região Metropolitana de Fortaleza, Sertões Cearenses, Jaguaribe, Centro-Sul Cearense e Sul Cearense. A análise é realizada com base em dados extraídos da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), disponibilizada pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), no período de 2002 a 2021.

A análise da Razão de Participação Relativa (RPR) tem como objetivo avaliar o crescimento relativo dos setores econômicos dentro da região de referência, que neste caso corresponde ao estado do Ceará. A fórmula utilizada para calcular o RPR é a seguinte:

$$MRP = \frac{\frac{\Delta E_{ir}}{E_{ir(t)}}}{\frac{\Delta E_R}{E_{R(t)}}}$$

Onde, ΔE_{ir} é a variação do emprego do setor i na região de referência (Ceará) r ; $E_{ir(t)}$, é o emprego do setor i na região de referência (Ceará) no ano de início do estudo; ΔE_R , a variação do emprego na região de referência (Ceará); e, $E_{r(t)}$, que se refere ao emprego da região de referência no início do estudo;

Esta fórmula considera a variação do emprego no setor (ΔE_{ir}) e no total de empregos na região de referência (ΔE_R), comparando com o emprego inicial em ambos os casos. A interpretação do RPR é simples: se $RPR > 1$, o crescimento do setor é superior ao crescimento total da região; se $RPR < 1$, o crescimento do setor é inferior ao crescimento total da região.

Por outro lado, a Razão de Participação Setorial (RPS) compara o crescimento do nível de empregos formais de um setor específico em uma mesorregião com o crescimento do mesmo setor na região de referência (Ceará). A fórmula utilizada para calcular o RPR é a seguinte:

$$RPR = \frac{\frac{\Delta E_{ij}}{E_{ij(t)}}}{\frac{\Delta E_{ir}}{E_{ir(t)}}}$$

Onde, ΔE_{ij} é a variação do emprego do setor i na região de estudo (município ou mesorregião); $E_{ij(t)}$ é o emprego do setor i na região de estudo j (município ou mesorregião), no início do estudo; ΔE_{ir} é a variação do emprego do setor i na região de referência r ; e, $E_{ir(t)}$ é o emprego do setor i da região de referência no início do estudo. Deste modo, a mesma considera a variação do emprego no setor (ΔE_{ij}) na região de estudo (municipal ou mesorregional) e a variação do emprego no setor na região de referência (ΔE_{ir}), levando em conta o emprego inicial de ambos os setores.

Os calculos de variações, em ambos os indicadores (RPR e RPS), foram construídas para os seguintes quadriênio: 2002 a 2006; 2007 a 2011; 2012 a 2016 e 2017 a 2021. A interpretação do RPS segue a mesma lógica do RPR: se $RPS > 1$, o crescimento do setor na região de estudo é superior ao crescimento do setor na região de referência; se $RPS < 1$, o crescimento do setor na região de estudo é inferior ao crescimento do setor na região de referência.

A combinação dos resultados de RPR e RPS permite classificar as oportunidades de crescimento econômico nas diversas regiões. As classificações possíveis são: RPR (+) e RPS (+), indicando oportunidades de crescimento tanto em nível local quanto estadual; RPR (+) e RPS (-), sinalizando um crescimento proeminente em nível estadual, mas não em nível local; RPR (-) e RPS (+), sugerindo um crescimento proeminente em nível local, mas não em nível estadual; e RPR (-) e RPS (-), indicando a ausência de crescimento significativo, tanto em nível local quanto estadual. Como forma de síntese, essa análise combinada será realizada apenas para o último quadriênio.

Portanto, a metodologia proposta proporciona uma análise detalhada das dinâmicas de crescimento econômico e emprego formal nas mesorregiões cearenses, permitindo identificar tendências de crescimento e desafios específicos.

3. RESULTADOS

A análise do crescimento do emprego formal dos setores econômicos do estado do Ceará revela um panorama de desempenhos distintos ao longo dos períodos analisados, com variações significativas entre crescimento e retração. O detalhamento a seguir apresenta os resultados com os percentuais de variação, facilitando a compreensão das dinâmicas setoriais nas mesorregiões cearenses e sua contribuição ao crescimento econômico regional.

Tabela 01: Taxa de Crescimento Econômico (MPR) no Ceará: 2002-2021

Setores	2002-2006	2007-2011	2012-2016	2017-2021
Indústria	1,02%	0,63%	-6,53%	1,70%
Construção Civil	0,95%	3,77%	-17,64%	2,35%
Comércio	1,31%	1,47%	4,46%	0,05%
Serviço	0,91%	0,88%	76,73%	1,04%
Agropecuária	1,56%	0,05%	-4,85%	-0,37%

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da RAIS/MTE.

Nos períodos iniciais da análise, o setor da indústria apresentou um crescimento, porém, modesto, com 1,02% para 2002-2006, e 0,62% para 2007-2011. Já no período seguinte

(2017-2021), o setor registrou um crescimento de 1,70%, demonstrando um desempenho positivo recente nas mesorregiões cearenses. Contudo, no intervalo de 2012-2016, houve uma queda expressiva de -6,53%, refletindo dificuldades e evidenciando variações que indicam a necessidade de estratégias de fortalecimento no nível regional, especialmente em face de crises econômicas.

Da mesma forma, que a Construção Civil, por sua vez, exibiu um crescimento expressivo de +2,35% no período de 2017-2021, o que sugere uma recuperação e um bom desempenho recente, principalmente nas regiões mais dinâmicas do estado. Entretanto, no período de 2012-2016, o setor, também, sofreu uma queda, porém, mais acentuada de -17,64%, o que pode estar associado à retração econômica ou a fatores específicos que impactaram os setores do estado de forma desigual. Nos períodos anteriores, o setor teve desempenhos mais robustos, com resultados positivos de 3,77% (2007-2011) e 0,95% (2002-2006), refletindo a importância estratégica dessa área no crescimento econômico regional.

O setor de Comércio apresentou uma evolução positiva ao longo do período analisado, com 4,46% de crescimento entre 2012-2016 e 1,47% de 2007-2011. No entanto, entre 2017-2021, o crescimento foi extremamente modesto, com apenas 0,05%, indicando que o setor enfrenta desafios em se manter competitivo nas diversas mesorregiões do estado. O baixo crescimento recente pode estar relacionado à desaceleração da demanda interna ou à saturação em algumas áreas comerciais, o que exige uma análise mais aprofundada sobre os fatores locais que influenciam esse desempenho.

O setor de Serviços destacou-se com um crescimento excepcional de 76,73% no período de 2012-2016, refletindo uma dinâmica positiva nas mesorregiões mais urbanizadas, especialmente na Região Metropolitana de Fortaleza. Esse desempenho excepcional evidencia a crescente relevância do setor na economia cearense, impulsionado pela maior formalização do emprego e pela expansão de atividades produtivas de alto valor agregado. Nos períodos mais recentes, o crescimento foi mais modesto, com +1,04% entre 2017-2021, mas ainda assim positivo, indicando uma sustentabilidade no crescimento desse setor, que se mantém relevante para o emprego formal nas mesorregiões.

Por outro lado, a Agropecuária enfrentou desafios persistentes, com -0,37% de crescimento entre 2017-2021, que já vinha apresentando resultados desfavoráveis em 2012-2016 (-4,85%) e 2007-2011 (-0,04%). Esses números indicam que o setor tem enfrentado dificuldades para manter sua competitividade, especialmente nas mesorregiões mais distantes dos grandes centros urbanos. A exceção foi o período de 2002-2006, quando o setor teve um desempenho positivo, com 1,56%, embora ainda insuficiente para garantir uma trajetória de crescimento estável.

Em síntese, os setores de Serviços e Construção Civil se destacam como áreas com maior potencial de crescimento, principalmente em momentos específicos, enquanto a Agropecuária continua a enfrentar dificuldades, exigindo intervenções estruturais. O setor de Comércio mantém uma trajetória de resiliência, mas com sinais de fragilidade recente, enquanto a Indústria apresenta oscilações que demandam uma análise mais detalhada sobre as condições econômicas e de mercado. Esses resultados evidenciam a necessidade de estratégias diferenciadas para cada setor, com foco em fortalecer as áreas mais dinâmicas e implementar ações específicas para superar os desafios enfrentados pelas áreas mais estagnadas.

Tabela 02: Taxa (%) de Crescimento Econômico (RPS) do Setor Industrial nas Mesorregiões: 2002-2021

Mesorregiões	2002-2006	2007-2011	2012-2016	2017-2021
Noroeste Cearense	1,05%	0,67%	0,70%	0,33%
Norte Cearense	0,58%	0,97%	-2,63%	2,49%

RM de Fortaleza	0,93%	1,02%	1,53%	0,22%
Sertões Cearenses	3,46%	1,01%	-2,21%	15,06%
Jaguaribe	3,59%	0,79%	0,50%	4,60%
Centro-Sul	0,70%	1,09%	0,32%	0,07%
Sul Cearense	0,77%	1,52%	1,15%	0,81%

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da RAIS/MTE.

O setor industrial nas mesorregiões cearenses exhibe trajetórias marcadamente distintas. A mesorregião dos Sertões Cearenses, por exemplo, demonstrou uma recuperação notável no período 2017-2021, com um crescimento de 15,06% no emprego formal, após uma retração no período anterior. Este resultado pode estar associado a investimentos localizados ou a políticas de incentivo fiscal, embora uma análise causal demande estudos econométricos específicos. Em contraste, a Região Metropolitana de Fortaleza (RMF), apesar de ser o principal polo industrial, apresentou um crescimento modesto, sugerindo uma possível saturação em seus segmentos tradicionais e a necessidade de diversificação para atividades de maior valor agregado. A forte retração no Norte Cearense (-2,63% entre 2012-2016) evidencia a vulnerabilidade do setor a choques econômicos, reforçando a importância de estratégias de adensamento das cadeias produtivas locais.

Tabela 03: Taxa (%) de Crescimento Econômico (RPS) da Construção Civil nas Mesorregiões: 2002-2021

Mesorregiões	2002-2006	2007-2011	2012-2016	2017-2021
Noroeste Cearense	4,34%	1,42%	-2,16%	-2,53%
Norte Cearense	2,35%	5,86%	-1,32%	-2,43%
RM de Fortaleza	1,19%	1,06%	1,40%	1,63%
Sertões Cearenses	2,82%	-0,32%	-8,82%	-0,94%
Jaguaribe	-2,89%	-0,30%	1,17%	1,00%
Centro-Sul	1,46%	0,52%	0,47%	4,77%
Sul Cearense	1,10%	0,86%	-3,25%	-0,63%

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da RAIS/MTE.

Além disso, a presente análise revela oscilações significativas e tendências de retração em grande parte do estado. O Noroeste Cearense, que iniciou com taxas expressivas (4,34% em 2002-2006), apresentou desaceleração acentuada, culminando em retração contínua nos dois últimos períodos (-2,16% e -2,53%). O Norte Cearense, apesar de crescimento inicial (2,35%), sofreu declínio progressivo, destacando dificuldades estruturais no setor. Na RMF, os resultados mostram estabilidade moderada, com crescimento discreto (1,63% em 2017-2021), sustentado pelo dinamismo da capital.

Os Sertões Cearenses, após um início positivo, enfrentaram queda expressiva (-8,82% em 2012-2016), reflexo de fragilidades econômicas e dependência de investimentos externos. Jaguaribe, apesar do desempenho negativo inicial (-2,89%), conseguiu estabilidade recente (1,00%), indicando recuperação. O Centro-Sul apresentou crescimento consistente no último período (4,77%), destacando-se no cenário estadual. Por outro lado, o Sul Cearense registrou retrações frequentes, com desempenho insuficiente para sustentar o crescimento. Esses dados indicam que a construção civil, setor estratégico para geração de empregos formais, requer políticas regionais direcionadas à infraestrutura, financiamento e estímulo ao investimento privado para atenuar as desigualdades regionais e fortalecer o setor no Ceará.

**Tabela 04: Taxa (%) de Crescimento Econômico (RPS) do
Comércio nas Mesorregiões: 2002-2021**

Mesorregiões	2002-2006	2007-2011	2012-2016	2017-2021
Noroeste Cearense	1,62%	1,42%	2,05%	45,85%
Norte Cearense	0,97%	1,53%	3,81%	33,13%
RM de Fortaleza	0,92%	0,91%	0,39%	-12,66%
Sertões Cearenses	1,30%	1,25%	3,56%	40,50%
Jaguaribe	1,80%	1,22%	3,30%	49,54%
Centro-Sul	0,88%	1,10%	2,17%	25,30%

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da RAIS/MTE.

Da mesma maneira que, o estudo revela uma dinâmica regional bastante heterogênea, com alguns destaques positivos e outros desafios evidentes. O Noroeste Cearense, após taxas moderadas nos primeiros anos (1,62% entre 2002 e 2006), apresentou um expressivo crescimento recente (45,85% entre 2017 e 2021), indicando uma forte expansão do setor comercial. O Norte Cearense também seguiu essa tendência, alcançando 33,13% no período mais recente, evidenciando um dinamismo econômico impulsionado, possivelmente, por uma maior integração regional e investimentos locais.

Por outro lado, a Região Metropolitana de Fortaleza (RMF), historicamente vista como um polo econômico, apresentou um crescimento tímido nos períodos iniciais, culminando em uma retração significativa de -12,66% entre 2017 e 2021. Esse resultado pode estar relacionado à saturação do mercado ou a mudanças estruturais no comércio da região. Já os Sertões Cearenses, que registraram taxas positivas e estáveis até 2011, sofreram uma desaceleração drástica, alcançando -40,50% no último período, o que reflete um cenário de grave retração econômica e perda de dinamismo comercial.

A mesorregião de Jaguaribe destacou-se positivamente, saindo de um crescimento moderado no início do período (1,80%) para uma expansão significativa (49,54% entre 2017 e 2021), mostrando sinais de revitalização econômica. O Centro-Sul também apresentou um desempenho crescente, com taxas robustas nos últimos anos (25,30%), enquanto o Sul Cearense manteve um crescimento mais discreto, mas ainda positivo (3,87% no período mais recente).

Esses resultados evidenciam que, embora algumas regiões tenham experimentado um crescimento expressivo no setor comercial, outras enfrentaram desafios significativos, especialmente a RMF e os Sertões Cearenses. Essas disparidades reforçam a necessidade de estratégias regionais diferenciadas que considerem as características econômicas e sociais de cada mesorregião. O fortalecimento do comércio é essencial para a geração de emprego formal e para a promoção de um desenvolvimento econômico mais equilibrado e inclusivo no estado.

**Tabela 05: Taxa (%) de Crescimento Econômico (RPS) do Setor
de Serviços nas Mesorregiões: 2002-2021**

Mesorregiões	2002-2006	2007-2011	2012-2016	2017-2021
Noroeste Cearense	2,17%	0,51%	1,69%	3,08%
Norte Cearense	0,37%	0,86%	0,78%	1,35%
RM de Fortaleza	0,85%	1,21%	0,82%	0,38%
Sertões Cearenses	1,47%	0,59%	-0,35%	2,78%
Jaguaribe	1,15%	0,54%	0,78%	3,57%
Centro-Sul	1,63%	0,12%	3,55%	0,30%
Sul Cearense	1,15%	0,90%	2,63%	1,73%

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da RAIS/MTE.

Ademais, as taxas de crescimento econômico despontam uma dinâmica heterogênea, com variações regionais significativas. O Noroeste Cearense e o Jaguaribe apresentaram crescimento consistente, com destaque para o Jaguaribe, que alcançou a maior taxa no último período (3,57%), refletindo diversificação econômica e melhorias estruturais. O Norte Cearense e o Sul Cearense tiveram crescimento moderado, enquanto o Centro-Sul mostrou alta expressiva entre 2012 e 2016 (3,55%), mas desacelerou posteriormente. A Região Metropolitana de Fortaleza, embora central, apresentou desempenho tímido e irregular, indicando uma possível saturação do setor de serviços. Os Sertões Cearenses registraram retração em 2012-2016 (-0,35%), mas recuperaram-se no período seguinte (2,78%). Esses resultados apontam para a necessidade de estratégias regionais diferenciadas que considerem as especificidades locais, a fim de equilibrar o desenvolvimento econômico e fortalecer a geração de empregos formais no estado.

Tabela 06: Taxa (%) de Crescimento Econômico (RPS) da Agropecuária nas Mesorregiões: 2002-2021

Mesorregiões	2002-2006	2007-2011	2012-2016	2017-2021
Noroeste Cearense	0,35%	0,44%	1,56%	-1,78%
Norte Cearense	5,64%	7,52%	2,43%	-6,46%
RM de Fortaleza	-0,69%	5,03%	1,02%	14,85%
Sertões Cearenses	0,35%	43,46%	-0,55%	0,51%
Jaguaribe	2,53%	-8,14%	1,04%	-6,45%
Centro-Sul	1,10%	24,19%	-2,29%	-22,74%
Sul Cearense	3,44%	60,19%	-8,86%	1,46%

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da RAIS/MTE.

A presente observação revela um cenário marcado por elevada instabilidade e retrações significativas em várias regiões. O Noroeste Cearense e o Norte Cearense apresentaram crescimento inicial, mas encerraram o período com quedas acentuadas (- 1,78% e -6,46%, respectivamente), refletindo fragilidades estruturais e climáticas. A Região Metropolitana de Fortaleza destacou-se pela recuperação expressiva no último período (14,85%), enquanto os Sertões Cearenses e o Jaguaribe, após períodos de crescimento, encerraram com retrações (-0,51% e -6,45%, respectivamente), indicando dificuldades econômicas persistentes. O Centro-Sul e o Sul Cearense, apesar de altos desempenhos em 2007-2011 (24,19% e 60,19%, respectivamente), enfrentaram quedas substanciais, sendo o Centro-Sul o mais afetado (-22,74% em 2017-2021). Esses resultados evidenciam a volatilidade do setor agropecuário nas mesorregiões cearenses e apontam para a necessidade de políticas públicas focadas na modernização produtiva, mitigação de riscos climáticos e estabilidade econômica para fortalecer o setor e promover a geração de empregos formais.

Tabela 07: Análise combinada do MPR e RPS, 2017-2021

RPR	
Setores	MRP
Indústria	1,70%
Construção Civil	2,35%
Comércio	0,05%
Serviço	1,04%
Agropecuária	-0,37%

Mesorregiões\RPS	RPS				
	Industria	Construção Civil	Comercio	Serviço	Agropecuária
Noroeste Cearense	0,33%	-2,53%	45,85%	3,08%	-1,78%
Norte Cearense	2,49%	-2,43%	33,13%	1,35%	-6,46%
RM de Fortaleza	0,22%	1,63%	-12,66%	0,38%	14,85%
Sertões Cearenses	15,06%	-0,94%	40,50%	2,78%	0,51%
Jaguaribe	4,60%	1,00%	49,54%	3,57%	-6,45%
Centro-Sul	0,07%	4,77%	25,30%	0,30%	-22,74%
Sul Cearense	0,81%	-0,63%	3,87%	1,73%	1,46%

Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados da RAIS/MTE.

Os dados do RPR revelam que a Construção Civil (2,35%) e a Indústria (1,70%) foram os setores que apresentaram o maior crescimento do emprego formal em relação ao crescimento total do emprego formal no Ceará. Esse achado corrobora a visão de que esses setores são tradicionalmente importantes para a geração de postos de trabalho em economias em desenvolvimento. A Construção Civil, em particular, é reconhecida por sua capacidade de absorver mão de obra em diferentes níveis de qualificação e por seu efeito multiplicador na economia, impulsionando outras cadeias produtivas (Amorim & Corseuil, 2016). O dinamismo da Indústria, mesmo com oscilações, indica sua relevância contínua para a estrutura produtiva cearense, especialmente em segmentos que demandam maior formalização e especialização. A literatura acadêmica frequentemente destaca a indústria como um motor de crescimento econômico e de transformação estrutural, capaz de gerar empregos de maior qualidade e impulsionar a inovação (Piacenti, Alves & Lima, 2008).

Em contraste, o Comércio (0,05%) registrou um RPR marginal, indicando um crescimento quase estagnado do emprego formal em nível estadual. Este cenário pode ser reflexo de uma série de fatores, incluindo a saturação de mercados em áreas urbanas consolidadas, a crescente informalidade em alguns segmentos do comércio e a intensificação da concorrência de novos modelos de negócio, como o e-commerce, que podem demandar menos mão de obra física ou reconfigurar as relações de trabalho (Queiroz, 2008a). A Agropecuária (-0,37%), por sua vez, apresentou um RPR negativo, confirmando a retração do emprego formal no setor. Este resultado é consistente com as tendências observadas em outras regiões do Brasil, onde a modernização e a mecanização do campo, embora aumentem a produtividade, tendem a reduzir a demanda por mão de obra em atividades agrícolas tradicionais (Silva Filho, Vale & Silva, 2009).

O setor de Serviços (1,04%), embora com um RPR positivo, mas mais modesto que a Indústria e Construção Civil, mantém sua relevância como gerador de empregos. A expansão do setor de serviços é uma característica de economias em transição, onde a demanda por serviços especializados, pessoais e de apoio às atividades produtivas tende a crescer. No entanto, a qualidade e a formalização desses empregos podem variar significativamente, sendo um ponto de atenção para políticas públicas (Queiroz, 2008b).

A análise do RPS revela uma acentuada heterogeneidade no desempenho do emprego formal entre as mesorregiões cearenses, evidenciando que as dinâmicas setoriais se manifestam de forma distinta em cada localidade. Essa disparidade é um tema central na literatura sobre desenvolvimento regional, que enfatiza a importância de considerar as especificidades locais ao formular políticas de emprego e crescimento (Costanzi, 2004).

No setor da Indústria, os Sertões Cearenses (15,06%) e Jaguaribe (4,60%) destacam-se com RPSs excepcionalmente altos. Esse desempenho pode ser atribuído a investimentos direcionados, como a implantação de novos parques industriais ou a expansão de indústrias existentes, que geram um efeito multiplicador na economia local. A concentração de políticas de incentivo ou a exploração de vantagens comparativas regionais podem explicar esse crescimento acentuado, contrastando com a RM de Fortaleza (0,22%), que, apesar de ser o principal polo econômico do estado, apresentou um RPS industrial muito baixo (IPECE, 2025).

Para a Construção Civil, o Centro-Sul (4,77%) e a RM de Fortaleza (1,63%) lideram em RPS, sugerindo um dinamismo construtivo nessas regiões. O crescimento no Centro-Sul pode estar ligado a projetos de infraestrutura ou ao desenvolvimento imobiliário em cidades de médio porte. A RM de Fortaleza, por sua vez, mantém um crescimento consistente, impulsionado pela demanda urbana e por grandes empreendimentos. Em contrapartida, mesorregiões como Noroeste Cearense (-2,53%) e Norte Cearense (-2,43%) registraram RPSs negativos, indicando uma retração do emprego formal na construção civil (Reiff, Santos & Rocha, 2007).

O setor de Comércio apresenta um cenário de extrema polarização. Enquanto Jaguaribe (49,54%), Noroeste Cearense (45,85%) e Sertões Cearenses (40,50%) exibem RPSs extraordinariamente altos, indicando uma forte expansão do emprego formal no comércio local, a RM de Fortaleza (-12,66%) sofreu uma retração significativa. O crescimento nas mesorregiões do interior pode ser impulsionado pela expansão de redes de varejo, pelo aumento do poder de compra local ou pela formalização de atividades comerciais que antes operavam na informalidade. A retração na RM de Fortaleza, por outro lado, pode ser um sinal de saturação do mercado varejista tradicional, da intensificação da concorrência de grandes centros comerciais e do e-commerce, ou de mudanças nos hábitos de consumo que impactam o comércio de rua e os pequenos estabelecimentos (Becker, 1993; Schultz, 1964).

No setor de Serviços, Jaguaribe (3,57%), Noroeste Cearense (3,08%) e Sertões Cearenses (2,78%) mostram um crescimento robusto, indicando uma diversificação econômica e o aumento da demanda por serviços nessas áreas. Esse crescimento pode estar associado ao desenvolvimento do turismo, à expansão de serviços de saúde e educação, ou ao surgimento de novas atividades ligadas ao agronegócio e à indústria. A RM de Fortaleza (0,38%), novamente, apresenta um RPS mais modesto, sugerindo que o crescimento do emprego formal em serviços na capital pode estar em um estágio de maturidade, com menor capacidade de gerar novos postos de trabalho em comparação com as regiões em ascensão (Audretsch, Keilbach & Lehmann, 2006).

Por fim, a Agropecuária demonstra a maior volatilidade e fragilidade. A RM de Fortaleza (14,85%) e o Sul Cearense (1,46%) foram as únicas mesorregiões a registrar RPSs positivos, o que pode ser explicado pela especialização em nichos de mercado de maior valor agregado ou pela modernização de algumas cadeias produtivas nessas áreas. No entanto, a maioria das mesorregiões apresentou RPSs negativos, com destaque para o Centro-Sul (-22,74%), que sofreu a maior retração. Essa queda generalizada reforça os desafios estruturais da agropecuária, como a dependência de fatores climáticos, a baixa produtividade em algumas culturas e a dificuldade de formalização da mão de obra, que resultam em uma redução do emprego formal no setor (Barros & Pereira, 2008).

No entanto, a interpretação dos resultados deve ser cautelosa e contextualizada, considerando que os indicadores RPR e RPS refletem apenas o crescimento relativo e não a magnitude absoluta do emprego. Uma análise mais completa exigiria a integração com outros métodos, como a análise Shift-Share, que permite decompor o crescimento do emprego em componentes setoriais e regionais, oferecendo uma compreensão mais aprofundada das fontes de dinamismo ou estagnação (Lucas, 1988).

4. CONCLUSÃO

O presente estudo sobre o crescimento do emprego formal nas mesorregiões cearenses ao longo de duas décadas evidencia desigualdades significativas entre as regiões e setores produtivos. Os resultados destacam o papel central do setor de serviços e da construção civil no desempenho econômico do estado, enquanto a agropecuária enfrenta desafios estruturais que dificultam sua competitividade. Além disso, a Região Metropolitana de Fortaleza apresenta maior dinamismo econômico, contrastando com as dificuldades enfrentadas por regiões como Sertões Cearenses e Noroeste Cearense.

As políticas públicas desempenham um papel crucial no fortalecimento do emprego formal e na mitigação das disparidades setoriais entre as regionais. Investimentos em infraestrutura, qualificação profissional e diversificação econômica são essenciais para promover um desenvolvimento equilibrado e sustentável. O estudo sugere a aplicação de métodos de diagnóstico regional, como a análise Shift-Share, possibilita uma compreensão mais precisa das dinâmicas econômicas e oferece subsídios para a formulação de políticas integradas e direcionadas às especificidades regionais.

Teoricamente, os resultados dialogam com as teorias de crescimento endógeno e desenvolvimento regional. O desempenho positivo de setores como a indústria e a construção civil em algumas mesorregiões pode ser explicado pela acumulação de capital humano, inovação e investimentos em infraestrutura, que criam um ambiente propício para o crescimento do emprego formal (Schumpeter, 1997). Por outro lado, a retração em setores como a agropecuária e o comércio em outras regiões pode ser atribuída à falta de diversificação econômica, à baixa produtividade e à vulnerabilidade a choques externos, que perpetuam as disparidades regionais. A intervenção de políticas públicas é crucial para mitigar essas disparidades, promovendo a diversificação produtiva, a qualificação da mão de obra e o acesso a mercados, a fim de garantir um desenvolvimento mais equitativo e sustentável (IPECE, 2023).

Em suma, o crescimento econômico do Ceará depende de estratégias que combinem inovação, capital humano e inclusão social, com foco no fortalecimento das áreas mais dinâmicas e na superação dos desafios enfrentados pelas regiões menos desenvolvidas. A articulação entre diferentes esferas de governo, setor privado e sociedade civil é fundamental para alcançar um desenvolvimento regional sustentável e reduzir as desigualdades socioeconômicas no estado.

5. REFERÊNCIAS

AMORIM, B. M.; CORSEUIL, C. H. L. **Análise da dinâmica do emprego setorial de 2014 a 2015**. Brasília: Ipea, 2016. Disponível em:

<https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/6526>. Acesso em: 23 jan. 2025.

AUDRETSCH, D. B.; KEILBACH, M. C.; LEHMANN, E. E. **Entrepreneurship and economic growth**. New York: Oxford University Press, 2006.

BARROS, A. A.; PEREIRA, C. M. M. A. **Empreendedorismo e crescimento econômico: uma análise empírica**. RAC, Curitiba, v. 12, n. 4, p. 975-993, out./dez. 2008.

BECKER, G. S. **Human capital: a theoretical and empirical analysis, with special reference to education**. University of Chicago, NBER, New York, 1993. Disponível em: <http://www.nber.org/books/beck94-1>. Acesso em: 23 jan. 2025.

COSTANZI, R. N. **Evolução do emprego formal no Brasil (1985-2003) e implicações para as políticas públicas de geração de emprego e renda**. Brasília: IPEA, 2004. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_1043.pdf.

IPECE. **Evolução do Índice de Gini do PIB e do VAB setorial cearense: uma análise comparativa com o Nordeste e o Brasil - 2002 a 2021**. Fortaleza, 2025. Disponível em: <https://www.ipece.ce.gov.br/2025/05/15/mercado-trabalho-cresce-no-4otri-2024-e-atinge-369-milhoes-de-ocupacoes-no-ceara/>.

IPECE. **IPECE divulga o PIB do Ceará do 3º trimestre de 2023 e a previsão para 2024**. Fortaleza: IPECE, 2023. Disponível em: <https://www.ipece.ce.gov.br/>.

LUCAS, R. E. **On the mechanics of economic development**. Journal of Monetary Economics, v. 22, n. 1, p. 3-42, 1988.

PIACENTI, C. A.; ALVES, L. R.; DE LIMA, J. F. **O perfil locacional do emprego setorial no Brasil**. Revista Econômica do Nordeste, v. 39, n. 1, p. 7-24, 2008. Disponível em: <https://www.bnb.gov.br/revista/ren/article/view/474>.

QUEIROZ, S. **Mercado de trabalho formal no Nordeste: uma análise do período 2004-2017**. Revista Econômica do Nordeste, v. 49, n. 1, p. 103-118, 2008b. Disponível em: <https://www.bnb.gov.br/revista/ren/article/view/709>.

QUEIROZ, S. **Recuperação econômica e emprego formal: avaliação para o Nordeste brasileiro entre 2000 e 2008**. 2008a. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Silvana-Queiroz/publication/314968309_Recuperacao_economica_e_emprego_formal_avaliacao_para_o_Nordeste_brasileiro_entre_2000_e_2008/links/59c534e0aca272c71bb8df3a/Recuperacao-economica-e-emprego-formal-avaliacao-para-o-Nordeste-brasileiro-entre-2000-e-2008.pdf.

REIFF, L. O. A.; SANTOS, G. A. G.; ROCHA, L. H. R. **Emprego formal, qualidade de vida e o papel do BNDES**. Revista do BNDES, Rio de Janeiro, v. 14, n. 27, p. 5-26, 2007. Disponível em: <https://web.bndes.gov.br/bib/jspui/handle/1408/1191>.

SCHULTZ, T. W. **O valor econômico da educação**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1964.

SCHUMPETER, J. A. **Teoria do desenvolvimento econômico**. São Paulo: Nova Cultural, 1997.

SILVA FILHO, J. A. R.; VALE, A. do; SILVA, P. A. do M. **Evolução do emprego formal na agropecuária do Nordeste brasileiro – 1999-2009**. Geonordeste, v. 20, n. 1, p. 1-15, 2009. Disponível em: <https://ufs.emnuvens.com.br/geonordeste/article/view/2418>.